Álbum de Família

Tragédia em três atos (1946)

Nelson Rodrigues (1912-1980)

Adaptação e montagem de cenas da peça para apresentação em oficina do Espaço dos Satyros em Junho de 2004 por Helder da Rocha e Denise Janoski.

Personagens e elenco:

SPEAKER .....*Diego Prestes*
D. SENHORINHA, *mãe* .....*Denise Janoski*
TIA RUTE, *irmã de Senhorinha*..... *Rita Fernandes*
JONAS, *pai*..... *Ricardo Socalschi*
EDMUNDO, *filho*..... *David Torrão*
GUILHERME, *filho seminarista*.....*Helder da Rocha*
NONÔ, *filho louco*..... *Luís Maele*
GLÓRIA, *filha* .....*Janaína Mello*
TERESA, *colega de Gloria* .....*Andréa Paula*
VOZ DA MULHER GRÁVIDA..... *Teca Romualdo*
OPERADORES TÉCNICOS ..... *Glauco e Nanda*

Trilha sonora musical:

J. S. Bach .....*Abertura da Paixão segundo Mateus*
J. S. Bach .....*Abertura da Missa em Si b menor*
W. A. Mozart.....*Abertura da Missa de Réquiem*
W. A. Mozart..... *Lacrimosa da Missa de Réquiem*
Antonio Vivaldi.....*Gloria*
Antonio Vivaldi..... *Stabat Mater*
F. Schubert..... *Ave Maria (alterada)*
Aracy de Almeida ..... *Rapaz Folgado (Noel Rosa)*
Noel Rosa .....*Felicidade*
Noel Rosa ..... *Gago Apaixonado*
Nelson Gonçalves .....*Cabocla*
Marilyn Manson..... *Beautiful People (alterada)*

*(Abertura : os personagens já estão em cena, sentados em diferentes lugares da platéia. A medida que os espectadores entram e se acomodam, cada personagem dirige-se à um deles e lhe susurra o versículo correspondente, como que lhe contasse um segredo importante de sua vida. *Nota: é importante que cada espectador tenha algo relacionado à personagem a que se refere. Exemplo: Jonas só deve se referir às espectadoras com aparência semelhante à de Gloria, e assim por diante. Cada personagem deve falar com pelo menos 3 espectadores. Explode música. Personagens se retiram. Luz no Speaker)*

Foto 1

(São projetadas fotos antigas de Jonas e Senhorinha no dia seguinte ao do casamento: ele com o busto empinado; ela com o sorriso cretino de atriz de cinema mudo)

1 SPEAKER *(enquanto Jonas e Senhorinha estão imóveis)* – Primeira página do álbum. 1900. Primeiro de Janeiro: os primos Jonas e Senhorinha, no dia seguinte ao do casamento. Ele 25 anos. Ela 15 risonhas primaveras. Vejam a timidez da jovem nubente. Natural – trata-se da noiva que apenas começou a ser esposa.

(Aqui começam a ser projetadas outras fotos antigas, casais, mulheres sozinhas)

2 SPEAKER – E isso sempre deixa a mulher meio assim.

(Foto de mulher com as pernas cruzadas)

3 SPEAKER – Naquele tempo, moça que cruzava as pernas era tida como assanhada, quiça sem-vergonha – com o perdão da palavra.

(Foto de mulher demonstrando pudor)

4 SPEAKER *(extasiado)* – Tão bonito pudor em mulher!

(Foto antiga em pose erótica – mas não vulgar – depois nova foto de Jonas e Senhorinha ou, se possível, foto antiga de noivos em carruagem.)

5 SPEAKER – Partem os românticos nubentes para a fazenda de Jonas, em São José de Golgonhas. Longe do bulício da cidade, gozarão a sua lua-de-melzinha. *Good-bye* Senhorinha! *Good-bye*, Jonas! E não esquecer o que preconizam os Evangelhos: "Crescei e multiplicai-vos!"

(Apaga-se o palco, emudece o speaker. Música de transição: "Glória 2")

Cena 1

(Palco menor: cena mostra ângulo de um dormitório de colégio. Glória e Teresa entram rindo muito, como se brincassem de esconde-esconde. Ambas em finíssimas camisolas, muito transparentes. São meninas que aparentam 15 anos. Há entre as duas um ambiente de sonho. Quando a música termina, Teresa fala)

1 TERESA – Você jura?

1 GLÓRIA – Juro.

2 TERESA – Por Deus?

2 GLÓRIA – Claro!

(Nota importante: o sentimento de Teresa é mais ativo; Glória resiste mais ao êxtase)

3 TERESA – Então, quero ver. Mas, depressa, que a irmã pode vir.

3 GLÓRIA *(erguendo a cabeça)* – Juro que...

4 TERESA *(retificando)* – Juro por Deus...

4 GLÓRIA – Juro por Deus...

5 TERESA – ... que não me casarei nunca...

5 GLÓRIA – ... que não me casarei nunca...

6 TERESA – ... que serei fiel a você até à morte.

6 GLÓRIA – ... que serei fiel a você até à morte.

7 TERESA – E que nem namora.

7 GLÓRIA – E que nem namoro.

(As duas se olham. Teresa coloca o véu branco na cabeça de Glória; em seguida coloca outro véu sobre a sua própria cabeça. Abraçam-se.)

8 TERESA *(apaixonada)* – Também juro por Deus que não me casarei nunca, que só amarei você, e que nenhum homem me beijará.

8 GLÓRIA *(menos trágica)* – Só quero ver.

9 TERESA *(trêmula)* – Segura minha mão assim. *(olhando-a profundamente)* Se você morrer um dia, nem sei!

9 GLÓRIA – Não fala bobagem!

10 TERESA – Mas não quero que você morra, nunca! Só depois de mim. *(com uma nova expressão, embelezada)* Ou então, ao mesmo tempo, juntas. Eu e você enterradas no mesmo caixão.

10 GLÓRIA – Você gostaria?

11 TERESA *(no seu transporte)* – Seria tão bom, mas tão bom!

11 GLÓRIA *(prática)* – Mas no mesmo caixão não dá – nem deixam!

12 TERESA *(sempre apaixonada)* – Me beija!

(Glória beija na face, com certa frivolidade.)

13 TERESA – Na boca!

(Beijam-se na boca)

14 TERESA *(agradecida)* – Nunca nos beijamos na boca – é a primeira vez.

(Riem. Beijam-se novamente. Música de transição: Glória de Vivaldi em tom menor)

(Apaga-se a pequena cena do dormitório.)

Cena 2

(Ilumina-se um espaço maior (palco maior): sala da fazenda de Jonas. Vitrais. Retrato de Jesus na parede. Primeiro, a sala está deserta; ouve-se um grito pavoroso. Aparecem, espantadas, duas mulheres que agem como se estivessem espiando pelos vidros de janelas imaginárias: D. Senhorinha, 25 anos depois da foto, e sua irmã Rute, velha solteirona, taciturna e cruel.)

1 TIA RUTE *(na janela, olhando para fora)* – É Nonô, outra vez!

(D. Senhorinha vai espiar)

2 TIA RUTE – Eu conheço o grito dele. Aliás, não é grito, uma coisa, não sei. Parece uivo, sei lá. Se eu fosse você, tinha vergonha!

1 D. SENHORINHA *(procurando sempre ficar de costas para a irmã)* – Nonô é muito mais feliz do que eu *(sempre dolorosa)*. Às vezes, eu gostaria de estar no lugar do meu filho...

3 TIA RUTE *(sardônica)* – E... DESPIDA, naturalmente.

(Começam os gemidos da mulher grávida, interrompendo a conversa. Entra Jonas: tipo do homem nervoso, apaixonado, boca sensual, barba em ponta. Vaga semelhança com Jesus.)

VOZ DA MULHER GRÁVIDA *(grossa, pesada, de quem sofreu demais, gritou demais)* – Desgraçado – me aleijou... Te amaldiçôo... Tu vai pagar o que me fez...

(Os três olham na direção dos gemidos.)

2 D. SENHORINHA – Jonas, essa menina que você trouxe para cá não podia ter filhos!

1 JONAS *(sombrio)* Pode sim. Você é que está com coisa. *(violento)* Esse médico que não vem... Esse cretino!

4 TIA RUTE *(misteriosamente)* – Tenho outra. Você conhece. É novinha. 16 anos. Um corpo, meu filho! *(com desprezo absoluto)* Diz cada nome! E aos berros, na frente de todo mundo. Mas é moça.

2 JONAS – Esse negócio de dizer nomes feios sem quê nem para que? É maluca?

5 TIA RUTE – Maluca coisa nenhuma.

3 D. SENHORINHA *(sem aparente consciência do que está dizendo)* – Acho que o amor com uma pessoa louca – é o único puro! *(diz isso olhando para fora, com uma certa doçura.)*

3 JONAS *(que olhou na direção de D. Senhorinha e parece impressionado; como se estivesse com medo)* – Porque se for maluca, não quero!

VOZ DA MULHER GRÁVIDA – me dêem uma coisa para eu tomar... Eu não posso, meu Deus do céu... Minha Santa Terezinha!

JONAS – Gosto de menina sem-vergonha. Mulher, não; menina. De 14, 15 anos. Desbocada. *(com angústia)* Aliás, não sei por que mulher não pode dizer nome feio como nós, por quê, ora essa? *(com absoluta dignidade, quase em sofrimento)* Numa conversa, durante a refeição; a Ceia do Senhor, pendurada na parede, e a dona da casa dizendo palavrões! *(Volta-se para Rute – parece louco)*

D. SENHORINHA *(veemente, má)* – Glória, tua filha, não diz palavrões. É menina. Tem 15 anos!

JONAS *(caindo em si)* – Glória é uma santa... Uma santa de louça, de porcelana... *(aproximando-se de tia Rute)* – Só você, Rute, nesta casa! Você é a única pessoa que me quer bem, que faz tudo, TUDO, por mim!

TIA RUTE *(apaixonadamente)* – TUDO!

JONAS *(com a mesma doçura quase musical)* – Até infâmias – qualquer uma! Até um CRIME! *(volta-se para D. Senhorinha, com súbito rancor)* Mas a casa toda me odeia, eu sinto! Esse meu filho doido, Nonô...

D. SENHORINHA *(hirta)* – Não toque em Nonô!

JONAS *(violentamente)* – Completamente doido! Só tem de humano o ódio a mim, ao PAI! *(aproxima-se de D. Senhorinha, que fica de perfil e não o encara, e diz, surdamente)* Edmundo não me suporta. Nem Guilherme!... *(violento, querendo encarar D. Senhorinha)* E você também! *(gritando)* Mas ELES estão enganados comigo. Eu sou o PAI! O pai é sagrado, o pai é o SENHOR! *(fora de si)* Agora eu vou ler a Bíblia, todos os dias, antes de jantar, principalmente os versículos que falam da família!

TIA RUTE – Volto já com a moça, Jonas.

D. SENHORINHA – Sem vergonha!

TIA RUTE *(espantada)* – O que? *(dominada pela raiva)* Quem é que é sem-vergonha? Eu? Você é que é! Em mim, homem nenhum tocou!

D. SENHORINHA *(mais serena, cruel)* – Por que nenhum quis – você não é nem mulher!

TIA RUTE *(possessa)* – Ah, mas tem uma coisa que você não sabe. Eu menti quando disse que nenhum homem havia me tocado. Foi só uma vez... Ele estava bêbado, mas não faz mal. O fato é que FUI AMADA. NENHUM HOMEM ANTES TINHA OLHADO PARA MIM. Até na boca ele me beijou. Esse homem *(mudando de tom, violenta)* É SEU MARIDO!

D. SENHORINHA *(espantada)* – O quê?

TIA RUTE *(cruel)* – O SEU MARIDO!

8 JONAS *(com certo rancor)* – Não devia ter contado!

12 TIA RUTE *(sem ouvi-lo)* – Por isso é que eu gosto dele. Agora, o que ele quiser eu faço. Eu arranjo moças, meninas de 13, 14, 15 anos. Só virgens!

9 JONAS *(para D. Senhorinha, com rancor)* – Você alguma vez me amou assim? Você falou em sem-vergonha *(com doçura sinistra)* Agora vai me dizer uma coisa: aqui há uma sem-vergonha. Mas quem é?

9 D. SENHORINHA *(perturbada)* – Não sei.

10 JONAS *(avançando, enquanto ela recua)* – Sabe sim. Quem é?

10 D. SENHORINHA *(evadindo-se)* – Nós três.

11 JONAS – Diga direito.

11 D. SENHORINHA *(acuada)* – Eu. A sem-vergonha sou eu!

(Saem os três de cena. Cai a luz. Fica o palco vazio e ouve-se os gemidos da mulher grávida.)

VOZ DA GRÁVIDA – Eu fui atrás da conversa, acreditei... Dei trela... Ah, mas se eu soubesse que a dor era tanta... Tomara que te pegue uma doença... seu Jonas!

Foto 2

(Ilumina-se o Álbum de Família. Entra o speaker e projeta as fotos da família.)

6 SPEAKER – Segunda página do álbum. 1913. Um ano antes do chamado "pandemônio louco". Senhorinha não é mais aquela noiva tímida e nervosa; porém uma mãe fecunda. Do seu consórcio com o primo Jonas, nasceram, pela ordem de idade: Guilherme, Edmundo, Nonô e Glória. E ainda há quem seja contra o casamento! Uma mãe assim é um oportuno exemplo para as moças modernas que bebem refrigerante na própria garrafinha!

Cena 3

(Desfaz-se a pose. Saem Glória, Nonô e Guilherme. Jonas está em pé. Senhorinha está sentada com Edmundo a seus pés como na foto. D. Senhorinha abraça-se com Edmundo)

12 D. SENHORINHA – Faz o que eu lhe pedir?

1 EDMUNDO – Faço!

13 D. SENHORINHA – Vá tomar a benção do seu pai!

2 EDMUNDO *(recuando, com espanto)* – Não isso não! Nunca!

12 JONAS – Venha tomar a bênção, Edmundo *(com hedionda doçura)* do seu pai!

3 EDMUNDO *(humilhado)* – Por que fazem meninos tomar a benção do pai?... Meninos só deviam tomar a benção materna... A mão da mulher é outra coisa... Sua menos, não tem cabelo nem veias tão grossas.

(Como que inteiramente dominado, Edmundo curva-se rapidamente, beija a mão paterna e se afasta. Jonas sai de cena.)

4 EDMUNDO – Beijei a mão do meu pai em cima de suor.

VOZ DA MULHER GRÁVIDA *(com a voz rouca pelos berros anteriores)* – Me acudam, que eu não posso mais!... Ai, Virgem Santíssima, minha santa Teresinha... Desta vez, eu vou!... Ahn!

5 EDMUNDO – Mãe, você suporta tanta coisa – deve haver um motivo, um motivo qualquer, que eu não conheço!

14 D. SENHORINHA *(dolorosa)* – Motivo nenhum.

6 EDMUNDO – Seria tudo melhor se em cada família alguém matasse o pai!

15 D. SENHORINHA – Você queria que eu fizesse o quê?

(Entra Jonas. No rosto a habitual expressão de crueldade.)

13 JONAS *(aproximando-se de Edmundo)* – Você ainda não explicou por que se separou de Heloísa.

7 EDMUNDO *(com súbita vergonha)* – Nosso gênio não combinava.

14 JONAS *(afastando-se como para si mesmo)* – Só não compreendo Guilherme... Não pode ser frio... é filho de MINHA CARNE! É impossível que não tenha desejo!

16 D. SENHORINHA *(doce)* – Sempre com livrinho de missa! *(feliz)*Adorava estampa de anjo!

15 JONAS *(exultante)* – Mas eu sei o que vai acontecer – APOSTO que um dia Guilherme ainda vai aparecer aqui, vai dizer: "Larguei o seminário!"

(Entra Guilherme, em tempo de ouvir as últimas palavras do pai.)

1 GUILHERME – Larguei o seminário...

16 JONAS *(espantado)* – Ele! *(pausa; possesso, para todo mundo)* Eu não disse? Eu acabava de dizer... *(ofegante)* Deus confirmou as minhas palavras... *(apontando para o quadro de Jesus)* Foi Deus! Deus, sim. Deus! *(segurando Guilherme pela gola do paletó)* Eu sei porque você deixou o seminário! Sei sim! Foi para ter liberdade – para dar em cima de alguma prostituta!

2 GUILHERME *(sombrio)* – Não quero, não me interessa nenhuma prostituta.

(Gemido da mulher grávida.)

3 GUILHERME – Essa é das tuas, hein? *(Guilherme vai até a porta do quarto da mulher grávida)* O que eu devia fazer, eu sei: o que eu fiz daquela vez, com a muda!... *(numa alegria hedionda)* Lembra, pai?

17 JONAS *(com certo medo)* – Sei lá do que você está falando?

4 GUILHERME – Sabe sim! Aquela que não falava. Meio idiota. Estrábica! Todo mundo respeitava a muda... Mas você... Nem a muda você perdoou. Depois que ela pegou gravidez, quis ter o filho aqui... Mas eu a encontrei no meio do caminho.

(Todos parecem fascinados com a narração de Guilherme.)

5 GUILHERME *(baixando a voz, em sofrimento)* – Quando me viu, parece que adivinhou. Teve medo de mim. Ainda quis fugir, mas eu, então, pisei o ventre dela. *(numa espécie de embriaguez)* Dei pontapés nos rins!...

18 JONAS – Assassino!

6 GUILHERME – Não faz mal! *(olhando para o quadro de Jesus)* Deus é testemunha de que não me arrependo. *(feroz)* Eu devia fazer a mesma coisa com essa que está aí!

19 JONAS *(obcecado)* – ASSASSINO!

7 GUILHERME – Acabou? Ou tem mais alguma coisa a me dizer?

20 JONAS – Acabei sim! Agora vou-me embora... De santos da tua marca estou até aqui. ATÉ AQUI! Adeus!

8 GUILHERME – Adeus coisa nenhuma! Não sai!

21 TIA RUTE – Quem é você para dar ordens ao seu pai?

9 GUILHERME *(indignado com a interferência)* – Quem vai sair daqui já, já é você! Você é a alma danada aqui de dentro. *(agressivo)* Vá! Não discuta! SAIA!

13 TIA RUTE *(num lamento)* – Mas um não fiz nada... nada!

17 D. SENHORINHA *(intervindo)* – Vá Rute, vá!

14 TIA RUTE *(incomodada, para D. Senhorinha)* – Quem lhe pediu opinião?

18 D. SENHORINHA – Rute, lembre-se de mamãe...

15 TIA RUTE *(agressiva)* – Mamãe o quê... *(mudando de tom)* Eu prometi, jurei à mamãe... *(cínica)* Mas ela não gostou nunca de mim. Tudo era você. Ia assistir você tomar banho. POR QUE É QUE ELA NUNCA SE LEMBROU DE ASSISTIR AOS MEUS BANHOS? *(num crescendo)* Ela, papai, todo mundo!... Ninguém gostou de mim, nunca! Uma vez, em Belo Horizonte, eu saí com você...

10 GUILHERME *(torcendo o pulso de Rute, que está de costas para ele)* – Cale essa boca!

16 TIA RUTE *(apesar da dor)* - ... uma porção de sujeitos sopravam coisas no seu ouvido – às vezes cada imoralidade! ... Mas a mim nunca houve um preto, no meio da rua, que me dissesse ISSO ASSIM! ...Você está me quebrando o braço, ahn!

(Guilherme solta tia Rute.)

17 TIA RUTE *(possessa)* – Quer dizer, toda mulher tem um homem que a deseja, nem que seja um crioulo, um crioulo suado, MENOS EU!

19 D. SENHORINHA– E eu tenho a culpa? Se você não é mais bonita, eu é que sou culpada? *(sai Senhorinha e Edmundo)*

18 TIA RUTE – Desde menina tive inveja da sua beleza. *(em tom de acusação)* Mas ser bonita assim é até imoralidade porque nenhum homem se aproxima de você, sem pensar em você PARA OUTRAS COISAS!

(Tia Rute pára e cobre o rosto com uma das mãos.)

11 GUILHERME *(irônico)* – Pode continuar! Continua, porque depois vai sair daqui para não voltar nunca mais!

19 TIA RUTE *(meio histérica)* – Vocês me põem para fora? Mas eu não tenho para onde ir!... Não tenho parente, nada!... Querem que eu morra de fome? *(num crescendo)* Vocês não podem fazer isso comigo. *(grita)* EU CONHEÇO SEGREDOS DA FAMÍLIA! SEI por que Guilherme e Edmundo voltaram – SEI! Sei por que Nonô enlouqueceu! SEI por que mandaram Glória para o colégio interno!...

(Tia Rute agarra-se a Jonas que está impassível.)

20 TIA RUTE – Jonas, não deixe, não consinta!

22 JONAS – Se você falar de Glória, eu faço com você – assim, assim! Você é feia demais! *(Tia Rute segura Jonas desesperadamente pelos ombros, sem que ele reaja)* Não desejo você! Nunca suportei as mulheres que não desejo... Se você não fosse como é! Assim tão desagradável – com espinhas na testa! Pior do que feia – UMA MULHER QUE NÃO SE DESEJA EM HIPÓTESE NENHUMA!

21 TIA RUTE – E eu tenho culpa, tenho?

23 JONAS *(cruel)* – A própria muda, com todo o estrabismo, eu quis!

22 TIA RUTE – Você uma vez também me quis!

24 JONAS *(implacável)* – Eu estava bêbado, completamente bêbado!

(Rute sai de cena no seu desespero contido. Jonas levanta-se e apanha num móvel um pequeno chicote. Bate com o chicote nos móveis.)

25 JONAS *(como um pai à antiga)* – Quando um filho se revoltava contra meu pai, ele usava ISTO!

12 GUILHERME *(lacônico)* – Glória foi expulsa do colégio!

26 JONAS *(assombrado)* – Glória foi o quê? Expulsa? Você está louco?!

13 GUILHERME *(com absoluta dor)* – EXPULSA!

27 JONAS *(tonto)* – Mas... que foi que ela fez? Que foi?

14 GUILHERME *(frio, apena informativo)* – Ontem, me chamaram no colégio... Então, o padre me disse que Glória e uma menina lá mantinham correspondência. Descobriram uma porção de bilhetinhos... Andavam sempre juntas... Anteontem, a irmã viu as duas conversando fora de hora, no dormitório... Ouviu a conversa toda! Falavam em morrer juntas e no fim... se BEIJARAM NA BOCA!

28 JONAS *(depois de um suspense... triunfante)* – Então, já sei o que eles CONCLUÍRAM! Eles e VOCÊ também! *(terrível)* Mas como são indecentes – TODOS! Uns indecentes! *(como uma fera)* É sempre assim! Aliás, o que fizeram com Joana D'Arc!

15 GUILHERME – Agora é o seguinte: Glória chega a qualquer momento, mas ela não pode vir para cá.

29 JONAS – Como não? Por que?

16 GUILHERME *(veemente)* – Porque esta casa é indigna. Porque você não pode ter contato nem com sua própria filha. Porque você mancha, emporcalha tudo – a casa, os móveis, as paredes, tudo!

30 JONAS – E você? É melhor do que eu? Você, meu filho? Tão sensual como eu!

17 GUILHERME *(triunfante)* – Fui! Mas agora não sou mais! Nunca mais! Uma noite, no seminário, fiz um ferimento – mutilante – o sangue ensopou os lençóis.

31 JONAS *(sem compreender imediatamente)* – Ferimento como?

18 GUILHERME *(abstrato)* – Depois desse acidente voluntário, eu sou outro, como se não pertencesse à nossa família. *(mudando totalmente de tom)* Glória não pode viver nesta casa!

32 JONAS *(desorientado)* – Sua mãe toma conta!

19 GUILHERME – Nem minha mãe! É UMA MULHER CASADA, CONHECE O AMOR – NÃO É PURA. A mulher que amou uma vez – marido ou não – não deveria sair nunca do quarto. Deveria ficar lá, como um túmulo. Ela não serve para Glória – só eu, depois do ACIDENTE!

33 JONAS – Mas Glória é tudo para mim! É a única coisa que eu tenho na vida!

(Escurece o palco principal. Música do speaker)

Foto 3

(Projeção de fotos de criança em pose de primeira comunhão e fotos da Glória)

7 SPEAKER – Menina e moça, como muito bem diz o autor quinhentista, Glória recebeu uma esmerada educação. A inocência resplandece na sua fisionomia angelical. Mãe e filha se completam. Mãe é sempre mãe. Se Senhorinha é uma mãe extremosa, Glória é uma filha obediente e respeitadora.

Cena 4

(Ilumina-se cena no palco menor: Um altar [mesa com toalha com cruz pintada e velas]. Projetado no palco maior o retrato do Cristo com rosto de Jonas usando uma coroa de espinhos. Glória entra com Guilherme. A primeira coisa que faz é olhar para o rosto. Caiu uma tempestade. Glória está ensopada e Guilherme também. Som de tempestade e trovões)

12 GLÓRIA *(com surpresa e certo medo)* – Quedê papai? Você não disse que ele estava esperando – aqui?

20 GUILHERME – Vem já! Não demora!

(Glória ajoelha-se e reza. Guilherme, com a mão, esboça uma carícia sobre a cabeça da irmã, mas desiste em tempo.)

21 GUILHERME – Você custou!

13 GLÓRIA *(com frio, sem ligar à observação)* – Com quem é que se parece ELE?

22 GUILHERME *(perturbado)* – Precisa tirar essa roupa senão se resfria! *(agitado)* Vai passando a roupa para eu torcer.

14 GLÓRIA – Não precisa!

23 GUILHERME – Por que? É uma coisa... tão natural!

15 GLÓRIA – Deixa... eu mesma torço!

24 GUILHERME – Está bem... *(baixando a voz)* Mas não tinha nada demais. Eu não sou como eles. Se eles vissem o seu braço nu estendendo uma peça de roupa teriam se impressionado. Mas eu sou diferente. *(doloroso)* Sofri um acidente... Mas me conta como foi aquilo? Com aquela menina?

16 GLÓRIA *(quase chorando)* Ela me pediu por tudo para morrermos juntas. Queria que eu me atirasse com ela entre um vagão e outro. Depois o trem passava por cima da gente... *(como que falando para si mesma)* Ficou sentida porque eu contei que... que toda vez que a gente se beijava eu via direitinho a fisionomia de papai *(apontando para o quadro de Jesus)*

(Neste momento "Jesus" abre os olhos em expressão assustadora e Ouve-se o grito de Nonô)

17 GLÓRIA – E papai que não vem?

25 GUILHERME – Que é que tem papai? Num lugar decente, papai estaria numa jaula. Papai até já matou gente!

18 GLÓRIA – Mentira sua! Papai é um santo. Você e mamãe é que inventam histórias! E mesmo que essas calúnias fossem verdade, se papai fosse o demônio em pessoa *(doce)* Mesmo assim, eu gosto dele. Adoro!

26 GUILHERME – Mas uma coisa você não sabe. Você sabe por que eu fui ser padre?

19 GLÓRIA *(recuando)* – Não interessa!

27 GUILHERME *(enérgico)* – Por sua causa! *(como um sátiro)* Você era garota naquele tempo... Mas eu não podia ver você, só pensava em você...

20 GLÓRIA *(com medo, querendo fugir)* – Agora estou vendo porque é que você quis que eu secasse a roupa e desse para você espremer...

(Grito de Nonô, aterrorizante, bem próximo.)

28 GUILHERME *(apavorado)* Não foi por isso, juro! *(louco)* Você diz isto porque não sabe que tive um acidente... *(baixa a voz)* voluntário! Já não sou como antes...

21 GLÓRIA *(chorando)* – Que ódio, meu Deus!

29 GUILHERME *(alterado)* – Não quero que ele te veja. Vem comigo! Te levo para um lugar bonito! Lindo!

(Guilherme avança para Glória, que recua até quase o altar.)

30 GUILHERME – Ou então... *(alterado, próximo, como se quisesse beijá-la)* nós podemos morrer juntos... se atirar entre dois vagões abraçados! Queres vir comigo? Vem sim! *(encosta-se mais e segura-a pelos ombros)* Vem!

22 GLÓRIA *(desesperada, com muito medo, se solta bruscamente e empurra Gulherme)* – Não! Quero Papai!

(O Cristo projetado agora fica mais aterrorizante ainda, mostrando os dentes)

31 GUILHERME *(completamente enlouquecido)* – Você não será dele NUNCA!

(Puxa o revólver e atira duas vezes. Glória cai de joelhos, com as duas mãos amparando o ventre, e morre. Guilherme cai de joelhos espantado com o que fez. Glória de Vivaldi (Glória 1). Escurece a cena.)

Foto 4

(Música do speaker. Fotos de Senhorinha com Nonô)

8 SPEAKER – Quarta fotografia do álbum. Nonô tinha apenas 13 anos na ocasião, mas aparentava muito mais. Tão desenvolvido para a idade! Por uma dolorosa coincidência, este retrato foi tirado na véspera do dia em que o rapaz

enlouqueceu. Um ladrão entrou no quarto de D. Senhorinha, de madrugada e, devido ao natural abalo, Nonô ficou com o juízo obliterado. Que diferença entre um filho assim e os nossos rapazes de praia que só sabem jogar voleibol de areia. Pobre Nonô! Hoje a ciência evoluiu muito e quem sabe se ele seria caso para umas aplicações de cardiazol, choques elétricos e outros que tais?

(Ilumina-se o palco menor e vê-se Senhorinha, sentada em vestes e pose de Virgem Maria. No seu colo está Nonô, nu, mamando em seu peito. Música começa com a Ave Maria de Schubert e em certo momento distorce para uma versão mixada e distorcida de Beautiful People de Marilyn Manson. À medida em que a música distorce, Nonô desprende-se da mãe e corre em direção à pista onde tem seu acesso de loucura. Blecaute..)

Cena 5

(Ilumina-se a sala da fazenda. Jonas está só. Vai a um móvel, apanha um revólver numa gaveta, examina o tambor e guarda a arma no bolso. A mulher grávida grita e se mistura com os gritos de Nonô da cena anterior. É importante que esta cena dure tempo suficiente para que Senhorinha possa se trocar e aparecer no palco maior.)

VOZ DA MULHER GRÁVIDA – Seu Jonas... seu Jonas... o culpado é o senhor!

(Jonas sai... Entra D. Senhorinha em vestes normais – não mais como Nossa Senhora)

20 D. SENHORINHA *(numa súbita crise de desespero)* – Eu não agüento mais, Edmundo! Não posso!

8 EDMUNDO *(apaixonadamente, indicando o quarto)* – Quando eu estava lá, me lembrei que você também já passou por aquilo. *(baixa a voz)* Tive a impressão de que não era ela mas você quem estava lá com as dores!

21 D. SENHORINHA *(depois de um silêncio)* – Um dia, não sei! Ah, se eu não fosse religiosa! Se eu não acreditasse em Deus. *(parando diante do filho)* Há coisas que eu penso, que eu tenho vontade, mas não sei se teria coragem!

9 EDMUNDO – Mãe, você tem que sair daqui!

22 D. SENHORINHA – Nunca terei coragem de deixar Nonô! Impossível *(mudando de tom, como que, enamorada)* Não imagina como ele fica, sempre que me vê, de longe! É uma coisa!

10 EDMUNDO – Você vê muito Nonô? Olha para ele? Eu não queria que você visse, que olhasse para ele!

23 D. SENHORINHA *(sem compreender)* – É meu filho!

11 EDMUNDO *(com sofrimento)* – Ele anda sem nada... *(faz um gesto significando despojamento de roupa)* E ele tem um corpo que impressiona até um homem – quanto mais uma mulher! *(triste)* Você gosta mais de Nonô do que de mim!

24 D. SENHORINHA – Não posso abandonar Nonô! Não está em mim!

12 EDMUNDO *(mudando de tom, apaixonadamente)* – Mãe, às vezes eu sinto *(começa a música Stabat Mater como fundo musical)* como se o mundo estivesse vazio e ninguém mais existisse, a não ser nós, quer dizer, você, papai, eu e meus irmãos. Como se a nossa família fosse a única e primeira. *(numa espécie de histeria)* Então, o amor e o ódio teriam de nascer entre nós. *(caindo em si)* Mas não, não! *(mudando de tom)* – Eu acho que o homem não devia sair nunca do útero materno. Devia ficar lá, toda a vida, encolhidinho, de cabeça para baixo, ou para cima, de nádega, não sei.

(Ajoelha-se aos pés de D. Senhorinha)

25 D. SENHORINHA *(com medo)* – Não, Edmundo, não!

(Música vai aumentando)

13 EDMUNDO – O céu, não depois da morte; o céu, antes do nascimento, foi teu útero.

(De joelhos, Edmundo encosta o rosto, de perfil para a platéia, na altura do útero materno. Música explode. Senhorinha e Edmundo dançam e aproximam-se como se fossem beijar-se.)

VOZ DA MULHER GRÁVIDA *(interrompendo os dois. Cessa a música imediatamente.)* – Miserável... Tu me paga...

(Entra Jonas. Edmundo levanta-se. Ouve-se a voz da grávida, em maldições. Jonas vem apertando o cinto e só termina quando chega junto à esposa. Jonas vem com uma expressão de maldade. Pára, querendo ouvir a maldição da mulher.)

26 D. SENHORINHA *(para Jonas)* – Que foi?

34 JONAS *(com rancor)* – Disse que minha filha havia de pegar barriga... *(mudando de atitude, selvagem)* Então, eu dei na boca, assim *(indica as costas da mão)*. Que morra!

14 EDMUNDO *(indignado)* – Um homem que vive depravando meninas... Ao passo que mamãe é uma SANTA!

(Jonas inicia um riso bestial.)

35 JONAS *(irônico)* – SANTA!

(Cara a cara com D. Senhorinha; riso em crescento.)

36 JONAS (*apontando para D. Senhorinha)* – Te chamou de Santa!

(Jonas corta o riso, selvagem, dirigindo-se a D. Senhorinha.)

37 JONAS – Você é uma santa? Diga! Eu quero que diga! É? *(doce como um demônio)* Conte a ele! Conte! Conte o que aconteceu naquela noite!

(D. Senhorinha não responde nada)

38 JONAS *(falando pela mulher)* – Eu cheguei de surpresa e vi um vulto saindo de nosso quarto. Ainda corri atrás, mas ele fugiu. Você confessou. Só não quis dizer

quem era. Mas no dia seguinte confessou. *(virando-se para o filho)* Imagine quem era? *(pausa)* Teotônio!

15 EDMUNDO *(espantado)* – O Jornalista?

39 JONAS – O jornalista! Eu obriguei sua mãe a chamar Teotônio no dia seguinte e, dentro do quarto, o matei como se fosse um cachorro.

27 D. SENHORINHA – E depois começou o meu inferno. Todo dia, na frente de outras pessoas, seu pai batia nas minhas cadeiras e dizia – Fêmea!

40 JONAS – Mas nem isso – nem FÊMEA você era... ou foi... comigo. Nem você, nem nenhuma mulher que eu conheci. *(para si mesmo, numa insatisfação louca)* Todas me deixam mais nervoso do que antes – doente, doente, querendo mais não sei o quê. *(numa afirmação histérica)* Nem FÊMEAS as mulheres são!

16 EDMUNDO – Mãe, diga que tudo é mentira! Negue pelo amor de Deus!

28 D. SENHORINHA – Não posso desmentir. É tudo verdade. Tive um amante!

(Edmundo tem um gesto inesperado: curva-se rápido e beija a mão paterna.)

41 JONAS – Vou sair – para matar um homem.

(Abandona a sala, com absoluta dignidade. Aparece tia Rute.)

23 TIA RUTE *(fúnebre e lacônica)* – A menina morreu. *(pausa)* Nem coroou.

(D. Senhorinha vai até um móvel, apanha uma vela e encaminha-se ao quarto.)

24 TIA RUTE – Agora vela não adianta.

(Ficam tia Rute e Edmundo a sós.)

25 TIA RUTE *(sem um gesto)* – Vou sair daqui, não sei para onde. Vou andar, andar até cair. Mas antes quero dizer a você uma coisa...

(Tia Rute aproxima-se ainda mais de Edmundo.)

26 TIA RUTE – Ouvi tudo. Agora uma coisa que você não sabe: desde aquela noite – portanto há sete anos – Jonas nunca mais tocou nela.

17 EDMUNDO – Que importa?

27 TIA RUTE – Ela espera você – está certa que você vai. PODE IR.

(Edmundo, como se não tivesse vontade própria, obedece. Tia Rute fica olhando, com uma expressão de triunfo. A porta do quarto se fecha lentamente. Então a luz se apaga.)

Cena 6

(Som estridente de trem. Em extremidades opostas estão Guilherme e Teresa. Ambos com aparência transtornada. De repente ambos atiram-se como que entre os vagões do trem. Morte de Guilherme e Teresa. Blecaute na hora do salto..)

Cena 7

(D. Senhorinha diante do caixão de Glória. Não sabe o que fazer. Inicia-se Réquiem de Mozart. Entra Jonas: expressão de quem perdeu tudo na vida. Quando Jonas começa a falar a música baixa como fundo musical..)

42 JONAS – Por que está aqui? Fazendo o quê?

29 D. SENHORINHA – Não sei, não sei. *(mudando de tom, depois de hesitação; mais resoluta)* Estava esperando você.

43 JONAS *(falando para o corpo da filha)* – Procurei Guilherme por toda parte. Para matar. Mas não encontrei em lugar nenhum; disseram que tinha tomado o trem.

30 D. SENHORINHA *(com voz perfeitamente neutra)* – Jonas, não suporto mais você. *(serena)* Não vivo mais com você, Jonas!

44 JONAS – Nunca mais poderei desejar mulher nenhuma!

31 D. SENHORINHA *(áspera)* – Você quer-me ouvir ou não?

45 JONAS *(sem dar atenção a nada)* – Desde que nossa filha Glória começou a crescer, deu-se uma coisa interessante: quando eu beijava uma mulher, fechava os olhos, via o rosto dela !

32 D. SENHORINHA *(agressiva)* – Jonas!

46 JONAS *(despertando)* – Que foi?

33 D. SENHORINHA *(seca)* – Vou deixar você .

47 JONAS *(numa compreensão difícil)* – Vai-me deixar? *(violento)* Deixe, ora essa! Quem está lhe impedindo? A você, eu só devo a filha!

34 D. SENHORINHA *(rápida e terminante)* – E eu a você – os filhos – homens.

(D. Senhorinha parece concentrar-se .)

35 D. SENHORINHA – Os filhos, homens – Edmundo, Nonô .... Menos Guilherme que aquela ali roubou. *(aponta para o caixão de Glória)*

(D. Senhorinha mete a mão no seio e tira um bilhete .)

36 D. SENHORINHA – Edmundo me escrevia bilhetes, mas tão bonitos! Esse aqui tem um pedaço que diz assim – deixa eu ver ah! – essa parte .... "só você existe no mundo. Eu queria tanto voltar a ser o que já fui: um feto no teu útero".

48 JONAS – Porco !

37 D. SENHORINHA *(defendendo)* – Linda a comparação – linda! Ele sempre teve queda para escritor.

(Jonas aproxima-se, lento de D. Senhorinha, que recua com um princípio de medo.)

49 JONAS – Pela primeira vez estou notando em você uma coisa.

38 D. SENHORINHA – Em mim – o quê?

50 JONAS *(transfigurado em sátiro)* – Senhorinha, você se parece com nossa filha Glória – lembra ! tem uns traços dela – o jeito da boca, uma maneira parecida de olhar...

39 D. SENHORINHA *(em pânico)* – Não !

51 JONAS *(obcecado)* – Tem, sim.

(D. Senhorinha encostou-se no altar; não pode recuar mais. Jonas está no auge de sua tensão sexual. Aperta entre as duas mãos o rosto de D. Senhorinha.)

52 JONAS – Você e as meninas que eu arranjava – só meninas, ainda sem desejo. Todas têm alguma coisa de Glória, mas é preciso que não seja larga de cadeiras ...

(Jonas aperta D. Senhorinha nos braços.)

53 JONAS – Quando ela começou a crescer, para mim passou a existir só meninas no mundo. Não mulher : meninas, mas tantas ! De 12, 13, 14, 15 anos !

(Quer beijar D. Senhorinha; esta resiste.)

40 D. SENHORINHA – Não !

54 JONAS – Você é parecida com Glória!

41 D. SENHORINHA *(desprendendo-se)* – Eu devo ser sagrada para você – depois que tive um amante !

55 JONAS – Não faz mal !

42 D. SENHORINHA – E não foi Teotônio !

56 JONAS *(atormentado)* – Foi, eu matei Teotônio!

43 D. SENHORINHA – Matou à-toa. Eu disse que era ele porque não me lembrei de outro nome. E precisava – ouviu? Salvar o verdadeiro culpado !

57 JONAS – Mentirosa !

58 D. SENHORINHA *(caindo em abstração)* – Contei a Edmundo quem tinha sido. Ele, quando soube, me amaldiçoou... *(crispando-se)* Me disse um nome pensando que me ofendia. Mas eu gostei de ser chamada assim por ele! *(com sofrimento)* Ele, então, se matou na minha frente!

59 JONAS (*gritando por ela, querendo arrancá-la de sua abstração*) – Senhorinha, eu preciso de uma filha – PRECISO – ouviu ?

44 D. SENHORINHA – Queres saber o nome do meu amante? O verdadeiro nome?

60 JONAS (*obcecado*) – Quero uma filha como Glória !

(Acaricia o corpo da mulher)

45 D. SENHORINHA (*abstrata*) – Eu me senti tão feliz, quando você matou Teotônio. Respirei: meu filho Nonô estava salvo! (*doce*) Ele enlouqueceu de felicidade, não agüentou tanta felicidade !

61 JONAS – Agora que Glória morreu, que me importa o nome do teu amante ?

(Por um momento, diminui a tensão sexual de Jonas. Ele fala com a voz velada e , nesse momento, vive em função de uma lembrança.)

62 JONAS – Quando acabei de matar Teotônio – olhei para você ; e vi que você não era mais nada para mim, coisa nenhuma. Foi dali que comecei a te odiar, porque não te desejava mais... (*depois de uma pausa, apaixonadamente*) – Mas eu devia ter adivinhado, desde que Glória nasceu, que você não era meu amor !

46 D. SENHORINHA (*com a mesma paixão*) – Pois eu ADIVINHEI o meu amor, quando nasceram Guilherme, Edmundo e Nonô !

63 JONAS – Eu podia mandar buscar Glória no colégio, mas ia adiando, tinha medo. Quando se ama deve-se possuir e matar a mulher. (*com sofrimento*) Guilherme tinha razão: a mulher não deve sair viva do quarto; nem a mulher – nem o homem.

47 D. SENHORINHA – Assassino!

64 JONAS *(sem ouvi-la, com uma espécie de medo retrospectivo)* – Eu não queria fazer isso com Glória; tenho a certeza de que ela pediria para morrer comigo. *(numa espécie de frio)* Mas tive medo !

48 D. SENHORINHA – Edmundo teve medo , e se casou; Nonô teve medo, e enlouqueceu ... (*veemente, desafiante*) Agora eu, não !

65 JONAS (*num desespero sagrado*) – Mas o pai tem direito. O pai até se quiser pode estrangular, apertar assim o pescoço da filha !

49 D. SENHORINHA – Eu não quis esquecer; eu não quis fugir; eu não tive medo, nem vergonha de nada. (*possessa*) Não botei meus filhos no mundo para dar a outra mulher!

66 JONAS (*mudando de tom*) – Escuta; ouve o que eu vou te dizer: se a gente tiver uma filha, eu ponho o nome de Glória !

50 D. SENHORINHA – Outra mulher, não! Não quero!

67 JONAS (*dominando-a*) – Se você não quiser, eu mato você, aqui mesmo! Mato!

51 D. SENHORINHA (*dominada pelo terror*) – Não Jonas, não!

68 JONAS (*tentando violentar D. Senhorinha*) – Glória!

52 D. SENHORINHA – Mas aqui, não !

69 JONAS – Aqui , sim! Aqui mesmo! Ou lá fora! (*acariciando bestialmente a esposa*) Eu te chamando de Glória !

(Aperta entre as mãos o rosto da mulher; tem, então um gesto brusco, de repulsa .)

70 JONAS – Não adianta – é inútil !

53 D. SENHORINHA – Mas que foi ?

71 JONAS (*meio obscuro, quase que gritando*) Minha filha morreu. (*lento*) PARA MIM ACABOU-SE O DESEJO NO MUNDO !

(D. Senhorinha passa as costas da mão na boca com repugnância.)

54 D. SENHORINHA (*insultante*) – Se você soubesse o nojo que eu sempre tive de você, de todos os homens !

(Mudando de tom, numa atitude de adoração)

55 D. SENHORINHA (*acariciando o próprio ventre*) – Só tenho amor para meus filhos !

72 JONAS – Teve nojo de mim – e ódio! Sempre desejou a minha morte, você e todos os meus filhos, menos Glória! Por que não me matou e por que não me mata agora?

(Aproxima-se de D. Senhorinha, que recua apavorada)

73 JONAS – Quer? eu deixo! num instante! Olha é só você apertar o gatilho...

(Tira o revólver com que deveria matar Guilherme. D. Senhorinha está apavorada.)

56 D. SENHORINHA – Não, Jonas, não!

74 JONAS – Toma! segura!

(D. Senhorinha aceita o revólver, mas é como se arma lhe desse náusea.)

75 JONAS (*gritando*) – Agora , atira! (*fora de si*) atire! ande – está com medo? Pelo amor de Deus, atire!

(D. Senhorinha não resolve, tomada de terror. Mas ouve-se então, o grito de Nonô, como num apelo. Pensa em Nonô "Nonô me chama – vou para sempre" e puxa o gatilho duas vezes; Jonas é atingido. Cai mortalmente ferido.)

76 JONAS *(num último arquejo)* – Glória!

(Explode música: abertura da Missa de J.S. Bach em Si b Menor. Grito de Nonô. Senhorinha dirige-se lentamente a Nonô que a espera na outra extremidade do teatro. Ao se encontrarem, se abraçam. Ambos numa alegria imensa até sumirem de cena com o término da música. Assim que a música termina e os dois saem de cena, começa, baixinho uma oração vindo de longe, que vai aumentando aos poucos. Os demais personagens saem do palco principal em procissão durante o coro e pronunciam o Amém após cada oração. Depois que todos se retiram, a música cessa. Fim.)

CORO – Suscipe, Domine, servuum Tuum in locum Sperandae sibi salvationis a misericordia tua. Amen.

CORO – Libera, domine, animan servi tui ex omnibus periculis inferni, et de laqueis poenarum, et ex omnibus tribulationibus. Amen.

CORO – Libera, domine, animan servi tui, sicut liberasti henoch et eliam de communi morte mundi. Amen.

(O coro vai caindo sem a necessidade de completar a oração fúnebre)